Flor Atirupa

(Prefácio)
Narla Sathler Musse

CEFET-RN
Editora

Eu também posso brincar!

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

Eliezer Moreira Pacheco

CEFET-RN

Diretor Geral

Francisco da Chagas de Mariz Fernandes

Diretor da Unidade Sede de Natal

Enilson Araújo Pereira

Diretor de Ensino

Belchior de Oliveira Rocha

Diretor de Pesquisa

José Yvan de Pereira Leite

Coordenador da Editora do CEFET-RN

Samir Cristino de Souza

FLOR ATIRUPA

(PREFÁCIO)
NARLA SATHLER MUSSE

Eu também posso brincar!

CEFET-RN
Editora
2007

EU TAMBÉM POSSO BRINCAR!

Copyright 2007 da Editora do CEFET-RN

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora do CEFET-RN.

Divisão de serviços Técnicos
Catalogação da publicação na fonte.
Biblioteca Sebastião Fernandes (BSF) – CEFET/RN

EU TAMBÉM POSSO BRINCAR! / Flor Atirupa e Narla Sathler Musse Gouvinhas. - Natal: Editora do CEFET-RN, 2007.

44p.: il.

ISBN: 978-85-89571-16-6.

1. Literatura Infantil. 2. Educação. 3. Inclusão. 4. Educação inclusiva.
I Atirupa, Flor. e II Musse, Narla Sathler.

CDD – 620

CEFET/RN/BSF

EDITORAÇÃO
Samir Cristino de Souza

DIAGRAMAÇÃO
Flor Atirupa

CAPA E ILUSTRAÇÕES
Flor Atirupa

CONTATOS
Editora do CEFET-RN
Av. Sen. Salgado Filho, 1559, CEP 59015-000
Natal-RN. Fone: (0XX84) 4005-2668, 3215-2733
E-mail: dpeq@cefetrn.br

Agradeço aos diferentes que brincam e incluem;
Ofereço aos diferentes que irão aprender a brincar e incluir.

Flor Atirupa

Brincando somos todos iguais

Professor 2+2 feijão com arroz

SUMÁRIO

PREFÁCIO, 11

JOÃO CABEÇÃO, 15

2+2 FEIJÃO COM ARROZ, 16

UM TELEFONEMA DIFERENTE, 18

BRINCANDO SOMOS TODOS IGUAIS, 19

MENINOS E MENINAS – ISSO PODE DAR CERTO, 22

CLARA, UM JEITO ILUMINADO DE VER A VIDA, 25

O SILÊNCIO É MUITO ANIMADO, 28

CAMPANHA EM AÇÃO, 30

RITMO DE FESTA, 34

A CAMPANHA: EU TAMBÉM POSSO BRINCAR, 38

Prefácio

Há 12 anos, em uma escola técnica de Natal no Rio Grande do Norte, havia uma professora que ensinava a seus alunos transformar pedra bruta em pedras lapidadas.

Um dia chegaram à sua sala 3 alunos diferentes. Dois daqueles alunos traziam de casa sua própria cadeira, que tinha rodas. Um deles vinha para a escola sem sapatos, pois ele não tinha pé.

"Que coisa estranha eram aqueles alunos. Como seria ser professora deles? De onde eles vieram? Eles iriam aprender? Por que eram diferentes dos outros alunos?"

A professora percebeu muito rápido que, na verdade, aqueles alunos eram como todos os outros: riam, aprendiam, jogavam bolinha de papel nos colegas, colavam na prova e faziam tudo o que os outros faziam.

Eram diferentes, mas só fisicamente. Mas todos nós são somos diferentes? Uns brancos, outros pretos, uns altos, outros baixos?

Por causa desses alunos, outros tantos vieram para a escola. A professora, que se chama Narla, ficou sabendo que aqueles eram alunos com deficiências. Muitos deles aprendiam de forma diferente dos outros, mas aprendiam.

Anos depois a Escola Técnica se transformou em Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte, conhecido por todos como CEFET-RN. E aí foi criado o *Núcleo de Inclusão*. Esse núcleo é um lugar onde vários professores, alunos, pedagogas e pessoas da comunidade se reúnem para tratar de assuntos relacionados aos alunos que aprendem diferente e trocar idéias sobre como o professor precisa ensiná-lo. Trata também de assuntos referentes ao trabalho para as pessoas com deficiências.

O Núcleo de Inclusão desenvolve ainda ações voltadas para a diversidade. Ou seja, para todas as pessoas que, por algum motivo, estão fora da escola ou que têm dificuldades para aprender. Dentro da diversidade, temos as pessoas com deficiências, as pessoas idosas, os afro-descendentes, entre outros.

O CEFET-RN ensina alunos surdos, deficientes físicos ou mentais e alunos idosos a fazerem anéis, brincos, pingentes e colares, com prata e pedras preciosas. São peças muito bonitas e bem feitas.

Muitas coisas boas já foram executadas pelas pessoas que fazem parte do

Núcleo de Inclusão. Algumas valem a pena contar para vocês:

Os professores de Geografia e Física, junto com os alunos que estão estudando para ser professores criaram vários materiais didáticos para ensinar esses conteúdos aos alunos que não podem ver com os olhos, pois eles são cegos. Mas vocês sabiam que podemos enxergar com as mãos? com os ouvidos? E com nossos outros sentidos que não a visão?

Pois podemos e muito bem. Só que, como temos o sentido da visão, não damos muita importância a esses outros sentidos.

No CEFET-RN, temos outros cursos que não formam professores, mas formam profissionais do lazer. Ou seja, divertimento, na certa. "Mas como proporcionar divertimento para todos"?

Assim, surgiu o livro "Eu também posso brincar!". A Flor, formada em lazer e qualidade de vida e autora desse livro, criou todos os personagens que brincam juntos mostrando-nos que ser diferente é normal e que podemos nos unir para fazer desse um mundo melhor.

Para mim, foi muito bom ser a água que germinou a semente que existia na Flor. Não foi preciso fazer muito, pois o livro já estava ali, dentro dela.

A partir das aulas de lazer e inclusão social, nasceram os personagens do livro. Um a um, a cada aula. Primeiro, o João cabeção, depois 2 + 2 feijão com arroz, e depois muitos outros foram surgindo e tomando conta da estória.

Nós, que fazemos o núcleo de inclusão e que formamos um grupo meio parecido com esse aí da estória, estamos muito felizes em fazer parte dessa construção de nossa colega Flor. Sabemos que essa Flor vai dar muitas sementes e semear muitas alegrias por esse mundo afora, criando lindas estórias para dar alegria a todos.

Narla Sathler Musse
Coordenadora do Núcleo de Inclusão - CEFET/RN

Eu também posso brincar!

JOÃO CABEÇÃO

Oi sou João! Tenho 10 anos.

Mas todos me chamam de "João Cabeção". Esse apelido é por que tiro notas boas. Sou primeiro lugar nas olimpíadas de matemática, de física da minha escola e estou me preparando para o meu primeiro campeonato de xadrez. Dizem que só um "cabeção" para saber de tudo isso, mas não gosto de ser chamado de João cabeção.

Por muito tempo fiquei triste me perguntando: QUAL É O MEU PROBLEMA?

Num dia perguntei a minha mãe por que eu não era igual aos outros.

E ela me perguntou se eu me sentia diferente e respondi:

– CLARO! Sou chamado de cabeção por toda escola, não tenho amigos.

Eles não gostam de mim por que tiro boas notas...

Então ela me explicou que "ninguém é igual a ninguém." e brincou dizendo:

- Você não é o João cabeção e sim, o João do meu coração.

Então fiquei pensando:

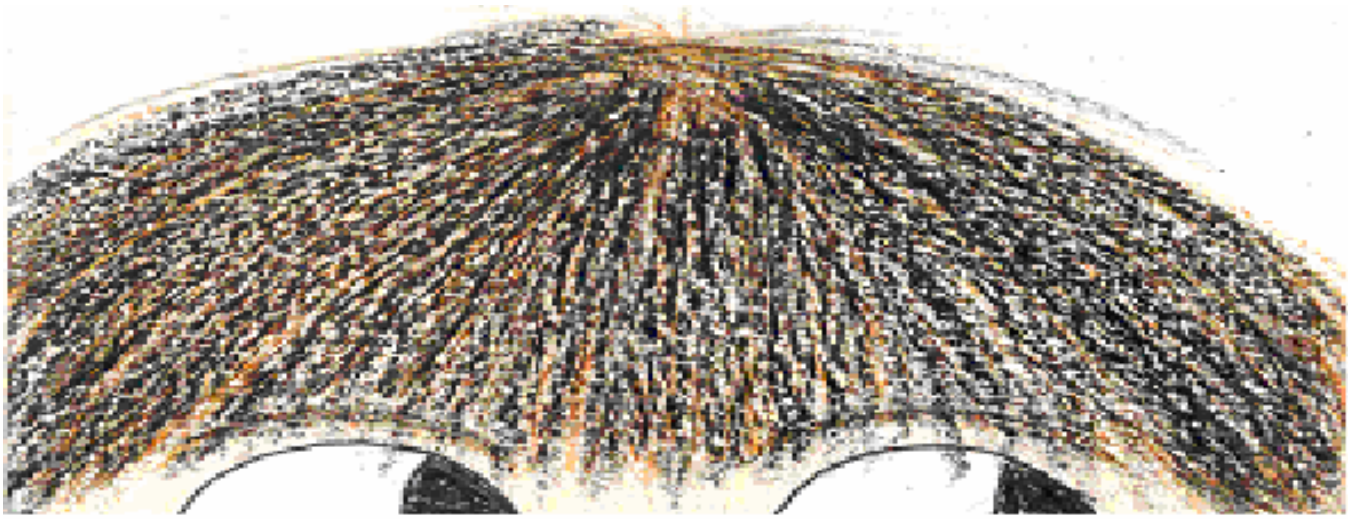
Ninguém é igual a ninguém... Ninguém é igual a ninguém... Ninguém é igual a ninguém... Ninguém é igual a ninguém...

Então logo entendi:

SOMOS TODOS DIFERENTES!

Me perguntei: Não tenho amigos por que sou inteligente? A minha diferença é pior que a diferença de uma outra criança? Qual o meu problema?

E fui dormir decidido que isso não ia ficar assim. Resolvi que iria levar esse problema ao meu professor de matemática, pois ele sempre tem alguma solução.



2+2 FEIJÃO COM ARROZ.

No dia seguinte fui correndo falar com o meu professor 2+2 feijão com arroz.

O nome dele é Carlos, mas ele se apresenta como 2+2 feijão com arroz. Todos na escola acabam se divertindo, pois ele vai andando pelo corredor da escola e cantamos 2+2 feijão com arroz, 2+2 feijão com arroz.

Acontece que ele tem a perna direita mais curta que a esquerda e cada vez que ele entorta para alcançar o chão dá tempo à gente cantar o nome dele: 2+2 feijão com arroz, 2+2 feijão com arroz...

Agora que já apresentei meu professor de matemática vou contar como foi a nossa conversa:

- Professor, somos diferentes, certo?

- Certo.

- Então sou diferente do senhor e de todos os outros, certo?

- Certo.

- Professor, se somos diferentes, por que umas diferenças são mais legais que outras?

- João, não existe ninguém com uma diferença mais legal que a outra. Você tem super dotação. É um menino muito inteligente, tem muitas habilidades e se destaca entre seus colegas da escola e isso é deve ser respeitado.

- Mas não gosto quando me chamam de "cabeção" só por que sou inteligente, fico triste...

- Você tem direito de ficar triste, e se não gosta diga a eles.

- Para que?! Se eles não gostam de mim. Fazem isso pra me irritar!!

- João, quem disse que eles não gostam de você?

- Eu sei!

Então o professor me contou:

- Sabe, quando eu era criança também ficava triste por minha diferença?

- Qual a sua diferença?

- Sou deficiente físico. Minha perna direita, como você sabe, é mais curta que a outra. Na escola me chamavam de "perneta", de "torto" e não gostava quando me chamavam de "aleijado".

- Professor, o senhor chorava? Porque eu choro.

- Chorava... E cresci com esses apelidos, inclusive "2+2 feijão com arroz" foi um grande amigo meu quem inventou e esse foi o único apelido que me fez rir, então resolvi adotar para não ficarem inventando outros que eu não gostasse.

- O senhor tem um amigo?

- Tenho muitos!!!! Passei a ter amigos quando parei de ter vergonha da minha deficiência. João, você é um menino muito inteligente e muito carinhoso. Merece ter muitos amigos e brincar muito com eles. Somos todos diferentes uns dos outros e temos que saber conviver com as nossas diferenças.

QUANDO BRINCAMOS TODOS SOMOS IGUAIS!

- Eu adoro brincar, mas brinco só...

- Sabe o amigo que te falei. Ele é como você, um gênio na matemática e na física, e o conheci na escola. Estudávamos e brincávamos juntos. Ele me ensinava matemática e eu o ensinava a jogar biloca e pião, pois na minha infância não tinha vídeo game. Assim, crescemos juntos, somos amigos até hoje e temos outros amigos também.

- Então, a solução é:

Não ter vergonha da minha diferença.

Respeitar as diferenças dos outros.

E brincar, pois brincando somos todos iguais.

- Isso, João, você é um gênio!

UM TELEFONEMA DIFERENTE

Ao terminar a conversa tive uma idéia, fui correndo para a biblioteca, mas ao passar no pátio logo ouvi um grito:

- João cabeção!!!!!!!!

Olhei nos olhos do menino, respirei fundo e perguntei:

- "Cabeção" é por que sou inteligente?

Ele ficou sem graça, olhou para os colegas em volta e não respondeu, então eu disse:

- Não tenho vergonha da minha super dotação, mas não vejo graça nesse apelido. Sou diferente de você e isso deve ser respeitado.

E saí correndo com meu coração disparado e não me arrependi do que falei. Continuei meu plano seguindo até a biblioteca, peguei alguns livros e fui para casa.

Chegando em casa a minha mãe fala que um amigo meu havia ligado.

E fiquei parado pensando "AMIGO..."

E ela continuou:

- Ah! Ele disse que ligava novamente.

Continuei parado pensando: LIGOU PRA MIM?

Fui pro meu quarto sem dizer uma só palavra, logo depois o telefone toca, eu atendo e a voz de um menino me pergunta:

- João, é você?

- Quem é? Eu perguntei.

- Sou eu o Bruno. Tô ligando para pedir desculpas por hoje no pátio.

- Desculpa... tá...

- Você só gosta de jogar xadrez ou gosta de jogar futebol também?

- Eu não sei jogar futebol.

- Passo aí à tarde e te ensino. Beleza?!

- Tá... tá certo.

Fiquei sem saber o que pensar, mas eu estava muito feliz, pela primeira vez alguém tinha me chamado para jogar futebol.

BRINCANDO SOMOS TODOS IGUAIS!!!

Não demorou muito e Bruno chegou com a bola debaixo do braço e fomos até um lugar que eu não conhecia. Ele morava perto da minha casa e eu nem sabia.

Lá ele me ensinou como bater a bola para o gol, a driblar e também regras do jogo de futebol. Eu adorei!

Passamos horas juntos, rimos, caímos, jogamos. Eu nunca tinha vivido algo parecido. Ainda mais na rua e com outro menino.

Foi a tarde mais divertida que eu tive, no outro dia ele apareceu de novo e me levou pra o mesmo lugar só que dessa vez tinha outros meninos. Fiquei assustado, mas ele foi me apresentando aos outros e me escalando pra o time dele.

No começo foi um pouco difícil, todos já sabiam jogar e eu fui pegando o pique aos poucos, não desisti e até ajudei o Davi a fazer um gol. Foi uma festa!!! Ganhamos a partida por 3x 2 com mais 2 gols de Bruno.

Na tarde seguinte Bruno veio novamente, mas eu não podia ir jogar. Tinha uma tarefa grande para fazer.

E ele me surpreendeu:

- Não vim jogar bola, vim pedir pra você me ajudar com alguns problemas de matemática, você pode?

- Claro! Eu disse.

E foi muito legal. Bruno aprendeu rápido e foi resolvendo os problemas sozinho. De repente ele me pergunta:

- Que matéria é essa que você está estudando com esses livros?

- Isso não é matéria da escola.

- João, esses livros falam de deficiência visual, deficiência auditiva. Isso é diferente. Por que está estudando sobre isso?

- Tive uma idéia e resolvi pesquisar. Minha mãe me ensinou que todos nós somos diferentes, nosso professor de matemática me incentivou a respeitar as diferenças. Ele é um deficiente físico, e eu estou pesquisando sobre outras deficiências. Vi neste livro que existem muitas pessoas com deficiência no nosso país e no mundo.

- É... o 2+2 feijão com arroz é muito legal. E... Que idéia é essa que você teve?

- Não sei se posso te contar.

- Qual é, João? Somos amigos.

- Você é meu amigo? Perguntei assustado.

- É claro, brincamos juntos, estamos estudando juntos... Fiquei muito envergonhado com o que fiz esse tempo todo te chamando de... Bom, João, Você é um cara muito legal e se você é inteligente, só tira 10, isso tem que ser respeitado. Sabe, eu também tenho uma irmã bem diferente.

- É?

- Ela se chama Bianca e tem síndrome de Down, eu fico triste quando as pessoas olham pra ela curiosas, perguntaram até se a doença dela é contagiosa.

- E por que olham para ela curiosos?

- Ela nasceu com os olhos puxados, orelha baixa e é redondinha. Quando ela estava na barriga da minha mãe aconteceu um problema na divisão dos cromossomos.

- Isso é complicado! Mas sua irmã é triste por ser assim?

- Não! Ela é alegre, carinhosa e todos nós a amamos muito. Eu aprendo com ela todos os dias.

- Então, vou anotar "síndrome de..? como escreve?

- D.O.W.N

- Deve ser o nome do cientista que descobriu essa síndrome. Vou pesquisar mais sobre o assunto.

- É isso mesmo! Nossa, João, você sabe das coisas!!!!

- Estou estudando muito sobre essas diferenças e minha idéia é fazer uma campanha!

- Campanha?!

- Vou explicar. Descobri que tem muitas pessoas que não são aceitas por que são diferentes. São tristes por que não tem amigos, não brincam com outras crianças e vivem excluídos.

- Excluídos? Como assim?

- Excluídos são os que ficam de fora de alguma coisa ou lugar e a solução é a inclusão.

- Inclusão? Deixa eu tentar acertar: inclusão é colocar dentro.

- Isso! Incluir essas pessoas é aceitar cada uma delas como são! Tem muitas crianças e adultos que tem alguma deficiência e todos tem o direito à escola, saúde, a andar na rua sem ser olhado de maneira estranha, e principalmente, a brincar.

- Como vai ser a campanha?

- Eu não sabia direito, mas depois que ficamos amigos vi que brincar me faz sentir igual a qualquer outra criança. Quando fomos jogar futebol com a galera do bairro ninguém se incomodava com a minha inteligência e todos estávamos numa mesma alegria, acredito que todos podem brincar e assim estarão todos incluídos.

- Isso é muito legal, minha irmã vai adorar!

- O que você acha " Brincando somos todos iguais!"?

Bruno pensou e disse:

- Não rima, campanha tem que rimar.

- Você tem razão, vamos pensar melhor no nome da campanha. Mas a minha idéia é espalhar cartazes por toda a escola e mostrar que brincadeira inclui todos.

- É isso aí, Posso te ajudar desenhando os cartazes. Adoro desenhar!!!!

- Você sabe desenharrrrrrrrr??? - Bruno, era exatamente o que eu estava precisando. Vamos fazer uma super dupla.

- Eu desenho, minha irmã pode ajudar e podemos chamar o pessoal do jogo de futebol também.

- Claro! Idéia genial!!!! Faremos uma grande equipe.

MENINOS E MENINAS – ISSO PODE DAR CERTO!

Os dias se passaram e eu fazia minhas tarefas, pesquisava um pouco mais sobre as várias deficiências, afinal eu precisava saber como é cada deficiência. Bruno ficou de convidar os outros meninos pra ajudar. E todo dia ele tinha uma nova pessoa interessada na campanha. Fui ficando cada dia mais empolgado e numa tarde a minha mãe me chamou na sala.

Uma garota chamada Carol que eu não conhecia me esperava. Entrei na sala e ela já foi falando para mim:

- Oi João, sou a Carol irmã de Davi. Ouvi meu irmão conversando com o Bruno a respeito de uma campanha sobre inclusão de pessoas com deficiência que você está organizando, é isso?

- É isso mesmo, queremos falar da importância da brincadeira para ajudar as pessoas com deficiência a se sentirem incluídas.

- Se vocês estão falando de inclusão, por que vocês só estão convidando meninos? Estão excluindo as meninas? Isso não é legal! Meninos e meninas são diferentes, mas devem se respeitar e podem brincar juntos também. Você não acha!?

Fiquei assustado, ainda não tinha pensado nisso e falei:

- Claro, você está certa! E não queremos excluir ninguém. Você conhece alguma menina que queira participar da campanha?

- Eu!

Arregalei os olhos, mas tentei não parecer tão surpreso e mostrei meu interesse:

- Que bom! Seja bem vinda Carol.

- Como posso ajudar?

Não tinha nenhuma idéia e disse:

- Não sei, mas pode esperar que quando eu tiver uma idéia eu te aviso.

- Eu tenho uma. Meu pai é jornalista e pode fazer a divulgação.

- Mas não vai ser nada tão grande a ponto de ir parar no jornal.

- Ai, ai, meninos, não tem olhar amplo de nada!

- Amplo???

Fiquei irritado e quando eu ia falar, ela logo continuou:

- Mesmo que seja algo pequeno deve ser significativo. Posso pedir para ele fazer uma reportagem sobre a sua iniciativa e assim você tem a oportunidade de atingir muitas pessoas com a sua idéia.

- Tudo bem, vou aceitar a sua sugestão e fico esperando seu sinal.

- OK! Gostei da nossa primeira reunião. Eu volto!

Carol foi embora e não contive a minha vontade de rir daquele jeito dela de falar, bem diferente, mas deve ser assim que os outros me vêem, afinal ela é esperta, criativa e também deve ser respeitada por isso.

Continuei minhas pesquisas, anotações e logo vieram algumas dúvidas. Os livros só falam das características, mas não falam de brincadeiras para cegos, surdos, pessoas em cadeiras de rodas ou mesmo com síndrome de Down para a irmã de Bruno. Me perguntei como iríamos fazer e logo tive uma idéia de ligar para Carol sobre minhas dúvidas e ela foi rápida:

- João, temos que conversar com crianças com essas deficiências e saber do que elas brincam, com quem, onde e assim podemos esclarecer essas dúvidas.

- Legal, mas onde encontrar crianças deficientes?

- DEIXE COMIGO! Disse Carol determinada e desligou! Pode!? Liguei de volta e quem atendeu foi Davi.

- Deixa eu falar com a sua irmã.

- João, ela desligou e saiu.

- Ai, Davi, por que as meninas são tão chatas?

E juntos demos gargalhadas.

CLARA, UM JEITO ILUMINADO DE VER A VIDA.

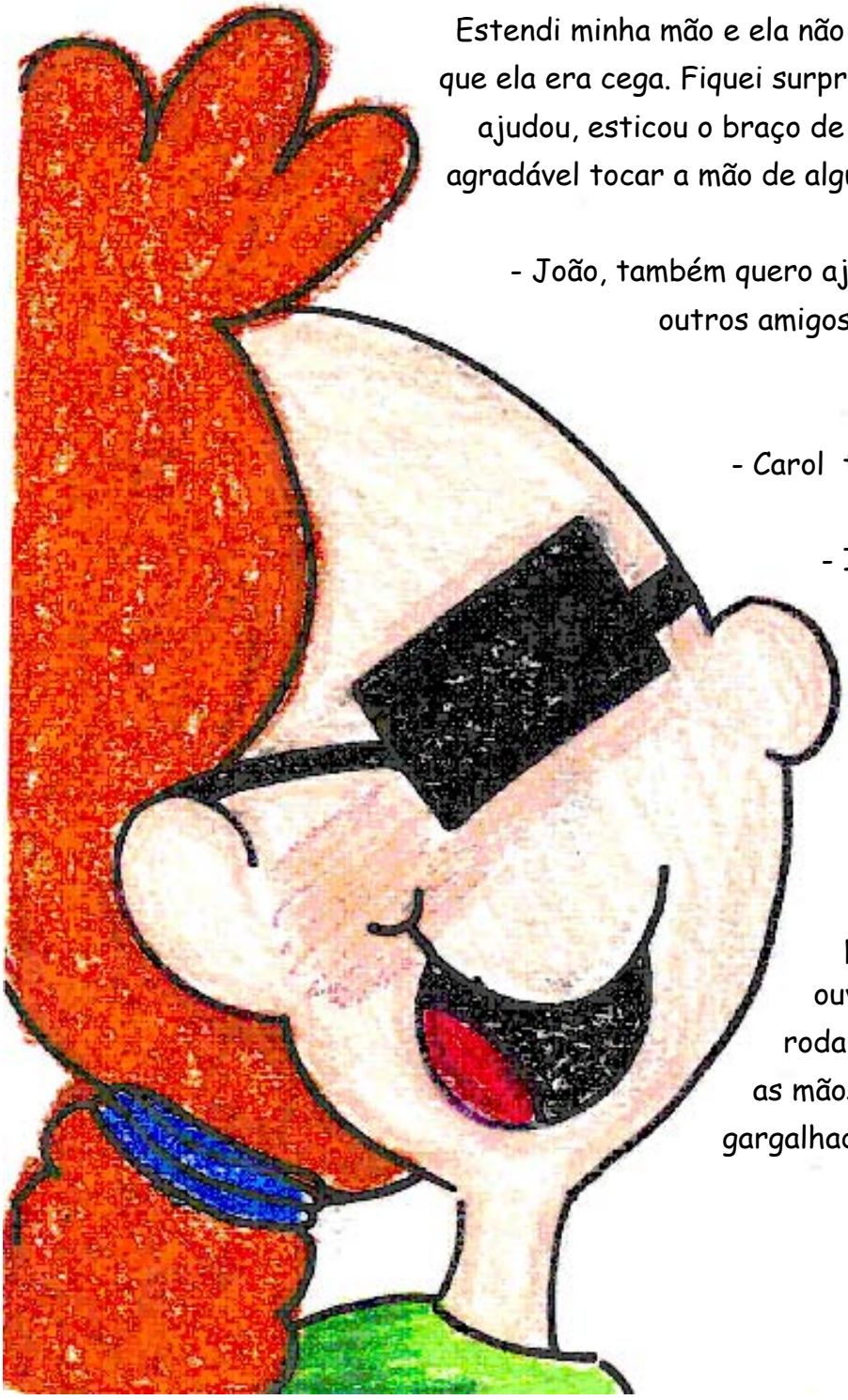
Carol não perdeu tempo realmente, em duas horas já estava lá em casa com mais cinco meninas. Me senti assustado com essas visitas, cada dia conhecia mais gente nova e apesar de assustador, era tudo muito divertido. Convidei todas para entrar e Carol foi logo me apresentando Clara:

- João, esta é Clara.

E Clara falou:

- Oi João, é um prazer conhecer um menino assim tão legal.

- Oi, Clara.



Estendi minha mão e ela não estendeu a dela, só então percebi que ela era cega. Fiquei surpreso e envergonhado, mas Carol me ajudou, esticou o braço de Clara em minha direção. Foi muito agradável tocar a mão de alguém que não estava me vendo, mas sorria ao tocar em mim.

- João, também quero ajudar na campanha. E tenho muitos outros amigos cegos que podem ajudar também. Me disse com sua voz animada.

- Que bom!!!

- Carol também me disse que você precisa saber de que eu gosto de brincar.

- Isso, Clara. Mas antes quero pedir para que todas se sentem para gente conversar melhor.

Aos poucos todos fomos nos acomodando na sala e Clara começou a falar:

- Bem, eu tenho um jeito diferente de ver os objetos, pessoas e lugares. Uso as mãos, o ouvido, nariz... Adoro brincar de roda com meus amigos. Nós nos damos as mãos, cantamos e damos muitas gargalhadas.

E Carol perguntou:

- E o que mais?

- Adoramos dançar, assistir tv e ir ao parque de diversão.

- Como você assiste TV?

- Nós deficientes visuais escutamos a tv e usamos a imaginação... Criamos os personagens, nos emocionamos. Ás vezes peço a alguém vidente do meu lado para descrever para mim, assim fica ainda mais legal.

Uma das meninas riu e disse:

- Isso é muito interessante. Você gosta de sorvete mesmo sem saber se eles são grandes e coloridos?

- Eu adoro sorvete de chocolate e sei se eles são grandes. É só colocar a colher toda dentro da taça e consigo saber o tamanho do sorvete! Adoro aqueles que passam do cabo da colher, ri, ri, ri... Ah! Também adoro sair para lanchar aqueles sanduíches deliciosos.

Outra menina lamenta:

- Clara, eu adoro ler e é uma pena que você não possa ler, mas eu posso ler pra você e assim você viaja nas estórias lindas que fazem a vida mais legal.

- Rute, eu também sei ler... Se o livro estiver em braile eu também posso viajar como você.

- Braile? Perguntou Rute.

- Braile é uma linguagem escrita em forma de pontinhos que foi desenvolvido ao longo do tempo para ajudar os cegos. Na escola onde eu estudo, nós aprendemos escrever e a ler em braile para nos comunicamos melhor. Nós cegos lutamos muito para que placas, livros, produtos, objetos, brinquedos tenham identificação e tradução em braile, assim nos sentiríamos mais seguros e menos dependentes.

Eu continuei:

- Clara, diga para nós, você acha importante brincar?

- João, eu seria muito triste se não tivesse meus amigos pra cantar, dançar, conversar e até paquerar.

Foi uma risada geral e fiquei sem graça, já estava virando papo de menina, mas continuamos ouvindo.

- Claro que eu sei que tenho que estudar, que tenho que escovar os dentes, tomar banho e comer coisas saudáveis, mas brincando me sinto mais feliz e faço

questão de dizer na sua campanha que:

“Brincando vejo com os olhos do meu coração!”

Ficamos todos tão empolgados com a conversa com a Clara que batemos palmas para ela. O grupo continuou fazendo mais perguntas, e acabamos percebendo que Clara era uma menina muito alegre, ela tinha um jeito de rir que era muito engraçado, além de conseguir reconhecer todos nós pela nossa voz. Eu achei a Clara muito legal e combinamos de conhecer outros amigos dela.

O SILÊNCIO É MUITO ANIMADO

Ainda durante a reunião uma das amigas de Carol disse:

- João, sou Vivi, irmã de Clara. Adorei a iniciativa da campanha e tenho uma sugestão que pode ajudar a divulgar. Nós temos computador em casa e acesso à Internet, então podemos criar uma comunidade em que pessoas do mundo inteiro possam saber da campanha. E se comunicar com a gente, o que você acha?

E foi Carol quem respondeu:

- Ótima idéia! Pela comunidade virtual nós podemos divulgar nossa nova turma para o mundo todo, além de conversar, trocar informações e fazer amigos virtuais. Inclusive, os deficientes auditivos que estão totalmente envolvidos nos chats da net.

Eu fiquei totalmente empolgado com todas aquelas meninas falando.

Eu estava começando a concordar com Carol quando disse que a campanha poderia ser significativa atingindo muitas pessoas e ela continuou falando:

- Ah! Fui na Internet na casa de Clara e Vivi, encontrei comunidades interessantíssimas. Estamos marcada com um grupo de deficientes auditivos daqui a meia hora, então vamos lá João?

- Agora!?

- Claro! Já está tudo combinado.

Fomos até lá e entramos na sala de bate-papo que Carol tinha combinado. Fiquei surpreso!!! Tinha mais de 20 pessoas interessadas em conversar com a gente. Eu realmente não imaginava que tinha tanta gente surda na Internet como Carol havia falado. Me senti um bobo, mas deixei essa sensação para lá e vi que tinha muito pra aprender com todas aquelas pessoas que eu estava conhecendo.

Na conversa, muitas curiosidades: eles adoram ler, escrever, ir ao cinema, sim, ao cinema, diferente de Clara eles vêem tudo, entendem as legendas e se emocionam com as expressões e estórias e como disse Felipe "cinema também é um lugar de paquerar".

Ah! Eles também disseram que em todas as cidades têm grupos que se encontram para jogar futebol, vôlei, baralho, dominó e tantos outros jogos, ah! gostam de pescar, correr, fazer academia , enfim eles não abrem mão de brincar.

Um menino de 12 anos escreveu algo que com certeza vai para a campanha:

"Ouvimos com o corpo e brincando escutamos as gargalhadas do coração."

CAMPANHA EM AÇÃO

Voltando para casa cheio de anotações encontrei com os meninos do futebol que me convidaram para jogar. Topei na hora, e foi aquela farra novamente. Nessa partida me saí bem melhor, não tive vergonha, ajudei Davi novamente a fazer um gol, e dessa vez eu mesmo fiz um gol!!!! Foi uma ALEGRIA e todos os meninos pularam em mim, me abraçaram por eu ter colocado a bola na rede, me senti mais criança, mais feliz e igual aos meus amigos.

Ao final da partida, nos reunimos pra comentar o jogo, logo Bruno mudou de assunto confirmando a participação de todos no movimento para a campanha, comentei do interesse e do trabalho das meninas e Paulo fez cara feia:

- Meninas na campanha é um saco! Elas querem logo mandar em tudo!!!

- Elas estão ajudando muito.

- Meninas ajudando? Elas só atrapalham. Disse Flávio.

- Não! Elas deram idéias que nem tinham passado na minha cabeça nem na cabeça do Bruno e chega de achar que as meninas são um problema. Vamos nos juntar e fazer algo mais organizado e criativo.

Bruno acrescentou:

- Minha irmã também quer ajudar e eu não quero ninguém reclamando da sua presença.

Paulo sorriu e disse:

- A gente reclama, mas adoramos todas aquelas meninas falando tudo ao mesmo tempo, andando pra lá e para cá balançando aqueles cabelos cheirosos. Ah! e dando ordens!!!

- É vai ficar ainda mais divertido. Eu adoro as meninas!!!! Disse Jorge.

Todos deram risadas e saímos do campo combinando hora e lugar para organizar a campanha.

Era um sábado pela manhã e fomos todos para casa de Davi e Carol. Lá tinha uma garagem grande e fizemos a reunião com calma. Eu comecei a reunião agradecendo a presença de todos e quando me dei conta, tinha mais de 24 pessoas. Parecia mais dois times de futebol, um masculino e um feminino, conversando sobre o campeonato, mas o encontro não era de competição e sim de inclusão.

Eu tinha feito uma lista do que iríamos conversar e combinar, mas não imaginava que teria tanta gente. Carol me ajudou muito e logo pediu a palavra:

- Bem, a idéia da campanha criada pelo João é uma idéia que todos nós aqui concordamos de uma maneira ou de outra, somos todos diferentes. Eu sou menina,

João é menino. Clara é deficiente visual, Bianca tem síndrome de Down, Davi é baixo, Bruno é alto, Diva é negra e Jorge é branco e todos antes de tudo isso somos seres humanos e merecemos respeito.

E eu ainda disse mais:

- Todos aqui reunidos somos crianças e sabemos o quanto brincar é importante. Existem muitos deficientes em todo o mundo, e as pessoas não os conhecem bem. A maioria sofre por não pertencer a uma sociedade que os aceite. Eu sempre fui chamado de cabeção e isso me deixava triste, mas aprendi a gostar de mim. E só por isso, conheci todos vocês. Hoje continuo sendo inteligente e minha inteligência é aceita sem estranheza, sou mais feliz porque tenho amigos importantes perto de mim.

- A campanha precisa de todos nós. Cada um aqui é importante! – Gritou Bruno.

E Vivi completou:

- Tem pessoas no mundo inteiro querendo participar. Posso fazer a comunidade na Internet hoje mesmo!

- Bem, para começar, eu pensei num nome como...:

Eu também posso brincar!

E todos me aplaudiram, gritaram e fizeram o maior barulho com apitos... fiquei surpreso, afinal era só uma idéia. Bruno gritou ainda mais alto:

- Amigo, não rima, mas está perfeito!

- Me senti incluída!!! **Eu também posso brincar!** - Disse Clara.

E Carol, tentando acalmar a galera:

- Silêncio! Espera aí, gente! Eu também gostei! O verbo "poder" dá idéia de força e é isso que os deficientes precisam saber. Todos têm seu direito de brincar e esse nome é perfeito para o sucesso da campanha.

E a gritaria começou novamente. Desta vez fui eu quem pedi a atenção:

- Pessoal, Quando eu tive a idéia da campanha, pensei em colocar cartazes na escola inteira explicando o que é deficiência, quais as mais comuns e como as pessoas com deficiência podem brincar.

- Podemos falar com professores da escola para ajudar. - Disse Davi.

E Bruno gritou:

- Podemos fazer sozinhos!

- NÃO! Quanto mais pessoas puderem nos ajudar melhor. Vou pedir ao meu pai para fazer uma reportagem convidando a todos para participar. Quem se interessar pode trazer o seu cartaz. O que acham?

E foi outro grande barulho!!! Muitas sugestões foram dadas e a idéia de Carol foi aceita. Combinamos em pedir papel e tinta em papelarias do bairro. Jorge falou que seu pai era pintor de parede e podia ajudar na pintura dos cartazes. A mãe de Clara e Vivi, que era a doceira mais conhecida do bairro, faria um bolo para as nossas reuniões, deixando tudo mais gostoso; já a minha mãe, que não podia ficar de fora, ligaria para as amigas dela divulgando a campanha.

Na Escola todos queriam saber que campanha era essa que nós estávamos organizando. O professor 2+2 feijão com arroz veio falar comigo:

- João, que idéia genial a sua garoto! Parabéns!!!

- Obrigado professor...

- Garoto, conte comigo! Vou estar aqui com o meu cartaz e trarei meus amigos.

Fomos interrompidos por D. Zélia, diretora da escola:

- João, eu quero saber mais sobre a sua idéia, vamos até minha sala.

Eu estava meio sem jeito, nunca tinha ido a sala da diretora. Mas deixei meu medo de lado e comecei a contar tudo.

- Você quer a ajuda da escola para fazer a sua campanha? Perguntou a diretora.

- Como assim?

- João, a exclusão é um problema social, ou seja, a sociedade toda sofre. E isso porque não temos informação sobre o assunto. Você foi um garoto muito inteligente criando uma campanha justamente para informar as pessoas da importância da inclusão. A escola também tem um papel social importante na inclusão e queremos ajudar na sua campanha.

- Aceito e agradeço em nome de todos os meus amigos.

- Vamos de surpresa liberar todos das aulas no dia da campanha. Quero que os alunos participem e leiam todos os cartazes. Vou falar com os professores para ajudar na organização e na decoração da escola. Além disso, já entrei em contato com alguns colegas que trabalham com inclusão de deficientes para estarem presentes no dia da campanha para esclarecer dúvidas sobre o assunto.

Eu fiquei ouvindo a diretora dizendo e imaginando como a campanha já estava fazendo sucesso. E ela continuou falando:

- Ah! E principalmente a quadra vai estar liberada, as bolas e outros brinquedos também para alunos e visitantes vivenciarem o que sua campanha tanto quer reivindicar: o direito de todos a brincar.

- Nossa...

Saí da sala da diretora e fui direto falar com Bruno e os outros. Eu mal estava acreditando naquilo tudo. E Bruno com o jeito brincalhão dele disse:

- João, você é um cabeção mesmo!!!!!!

Eu não consegui conter minhas risadas. Pela primeira vez não senti raiva com aquele apelido e acho que consegui entender quando o professor 2+2 feijão com arroz disse que eu merecia ter amigos. Estava ainda mais feliz.

RITMO DE FESTA

Como combinado, estávamos todos na escola no sábado preparando tudo para a campanha. A Galera levou cartolina, tinta, tesoura, cola, revista velha, e dividimos em equipes. Cada equipe ficou com o assunto de uma deficiência e na responsabilidade de produzir os cartazes. Já éramos mais de 50 pessoas dentre crianças, pais e professores. O bolo da mãe de Clara e vivi era gigante, recheado de chocolate. A mãe de Davi levou o suco e minha mãe ficou responsável pela água, e a limpeza da escola junto com suas amigas.

Carol fazia ligações com o celular do seu pai para a outra equipe de meninos que estavam fora da escola, especialmente para ajudar em algo que pudesse faltar. Também recebia ligações de pessoas que sabiam da campanha e queriam informações.

O Bruno levou o rádio para ouvirmos música e numa animação total produzíamos os cartazes e as faixas, sim, faixas!!! A mãe de uma das meninas conseguiu e o pai de Davi logo se prontificou a pintar tudo.

Tinha muito trabalho... mas para todos tudo parecia uma grande festa, cheia de brincadeiras, risadas e comidas gostosas.

A irmã de Bruno, que dava opinião na sua equipe, se lambuzava de bolo de chocolate com as meninas do seu grupo e sorria o tempo todo. Clara que levou outros deficientes visuais ajudando a dar informação às pessoas que chegavam na porta da escola querendo saber da campanha.

Um grupo de sete surdos também apareceu... Entraram em contato com Carol pela Internet e estavam espalhados entre os outros colando figura, escrevendo suas frases e fazendo arte, inclusive tinha um deles que levou alguns sprays grafite e fez um painel lindo encantando a todos.

Chegou também um menino numa cadeira de rodas e logo entrou na equipe de Bruno ajudando na produção junto com os outros, ah! Ele também trouxe alguns cds que animou ainda mais.

Os professores ficaram o dia todo com a gente!!! Ajudando a escolher os lugares para colar os cartazes, levando os nossos amigos visitantes ao banheiro e o professor 2+2 feijão com arroz também estava lá.

Carol me interrompe, enquanto escrevia na cartolina frases que Clara me disse:

- João, está tudo confirmado com o jornal em que o papai trabalha: segunda-feira, às 9:00 da amanhã. Ah! Confirmei também com a diretora do colégio a data e

a hora da campanha, está na comunidade da Internet e em convites por e-mail que Vivi e Clara enviaram. Tudo ok!

- Puxa! Carol, você e as meninas são o máximo, estou muito contente com o trabalho de vocês, eu aprendi muita coisa. No início achei que você era chata e queria mostrar que sabia das coisas, mas me enganei. Você é muito inteligente, esperta e criativa e está sendo muito importante para a campanha.

- Ah! João, OBRIGADA!!! Aprendi muito com você também... Precisei que você tivesse essa idéia para eu poder desenvolver o que sou capaz. Eu disse ao meu pai que estou adorando, conhecendo coisas novas e muito diferentes de mim. Eu, Clara e Vivi estamos muito amigas, aprendi com Clara a ver a vida de uma maneira muito legal, com o coração...

- Vocês três formam um grupo imbatível!!!

- João, eu também era uma menina muito só e foi isso que me chamou atenção na sua campanha. Eu queria lutar pelo meu direito de brincar, ter amigos e hoje tenho muitos amigos.

- Que legal! Eu sei que você também tem super dotação e era excluída por isso. Eu mesmo achava que você queria saber de tudo se metia em tudo e percebi que estava te criticando como os outros me criticavam e ainda julgando você de forma errada. Carol você é genial e deve ser respeitada por isso e eu te respeito muito.

- João, nossa muito legal o que você disse para mim agora. Obrigada, mesmo. E deixa eu contar para você que na Internet os surdos me escrevem todos os dias e hoje estamos nos conhecendo pela primeira vez, eles já me ensinaram alguns gestos da linguagem dos sinais. Vou fazer um pra você:

Ela juntou as mãos próximas ao coração e sorriu...

- Eu não entendi, mas eu gostei muito. O que significa?

- Esse sinal significa que gostamos da pessoa. E eu gosto muito de você.

Eu fiquei tão feliz, mas sem jeito, pois Carol sempre foi muito falante, cheia de idéias, mas nunca havia me demonstrado algo mais amigo ou coisa parecida. E disse que também gostava dela e pedi:

- Espera um pouco que também quero aprender...

Juntei minhas mãos na altura do meu peito e sorri pra ela também.

Foi um dos momentos mais lindos que vivi... Eu sei que sou um menino, mas ao lado de tanta gente diferente estou aprendendo muitas coisas que eu nem sabia que existiam. Hoje, todo dia é um dia especial. Conhecendo pessoas novas, pessoas com

deficiência que são cheias de vida, de idéias e de sentimentos. Descobri que não existem problemas e sim novas coisas para superar e aprender. Agora mesmo estou olhando Bruno jogando xadrez com o Pedro. Fui eu que ensinei. O Pedro é o nosso novo amigo de cadeira de rodas, e os dois juntos parecem estar jogando uma partida muito emocionante, pois estão concentrados, os outros meninos em volta torcendo e tudo isso só aconteceu por que aceitamos nossas diferenças e somamos o que temos de melhor. Eu não sabia de nada disso...

No domingo foi a mesma festa, faltava terminar os últimos cartazes, colar pelos corredores da escola e limpar tudo para que na manhã seguinte ficasse perfeito. Ao final do dia estava tudo pronto e minha professora pediu atenção de todos:

- Pessoal, pessoal, atenção!!! Vamos todos agora dançar juntos e comemorar o final da preparação da campanha e gritar:

Eu também posso brincar!

Ela colocou uma música bem animada e começamos a dançar!!! Bruno gritava:

Eu também posso brincar!

E todos repetiam!

Quando olhei ao redor, eu estava dançando COM OS MEUS NOVOS AMIGOS, adultos e crianças se divertiam juntos. Deficientes e não deficientes não percebiam suas diferenças, estavam todos sorrindo e dançavam ao som de um mesmo ritmo. De repente Bruno organiza um trenzinho e fomos todos um atrás do outro contornando o pátio e ninguém estava de fora. Foi muito animado!!!!

Ao chegar em casa, fui correndo tomar banho e jantar. Meu pai pediu para eu sentar no sofá e falou:

- Filho, ando trabalhando muito e tenho pouco tempo para conversarmos, mas estou sabendo tudo pela sua mãe. Agora quero saber de você. Como você está?

- Pai, estou cansado, mas muito feliz!

Fui contando com detalhes, empolgado contei o que eu lembrava, sentia e ele perguntou:

- Filho, você fala tanto dessa Carol.

- Pai, ela é muito inteligente, linda... E me disse hoje em língua de sinais que gostava de mim.

- João, você disse que também gostava dela?

- Disse! Pai, também quero dizer que gosto muito de você. Gostaria de ter mais tempo de brincar contigo, mas entendo que trabalha muito...

- João, eu também gostaria de brincar e conversar mais com você, mas temos a vida inteira juntos, eu tenho orgulho de ter você como filho e amigo.

Vi que meu pai também era um bom amigo. Não me sentia mais sozinho.

Fui para meu quarto e demorei a dormir. Estava muito ansioso, no dia seguinte era o tão esperado dia da campanha. Fiquei pensando se essa ação ajudaria as pessoas com deficiência, se elas iriam encontrar amigos, brincar mais e serem incluídas na sociedade. Mas cansado peguei no sono...

A CAMPANHA: EU TAMBÉM POSSO BRINCAR!!!

Era bem cedo e o café da manhã já estava na mesa, minha mãe parecia nervosa, falava rápido, andava na cozinha de um lado para outro e me disse que eu não precisava fazer nada além de estar lá presente.

Meu pai olhava para mim e dava risadas baixinhas para que ela não percebesse:

- Sua mãe está nervosa, ri, ri, ri Ela parece que ainda não se acostumou com o filho campeão que tem.

- Pai eu também estou nervoso...

- Fica tranqüilo filho. Entendo, afinal não é todo dia que a gente realiza uma campanha. Vamos lá!

- Pai, você também vai?

- Filho, você acha que um pai e um amigo ficaria fora de um dia especial desses?!

Eu realmente não esperava. Me senti mais seguro. E ao sair de casa abracei minha mãe, recebi meu lanche e ouvi todas as dicas que ela queria me dar.

Ao chegar na escola, Carol já estava lá. Parecia mais linda que os outros dias, estava sorridente, mas ocupadíssima organizando os últimos detalhes para a abertura dos portões da escola.

Bruno me cumprimentou rapidamente:

- Oi João, o pai de Carol já está a sua espera, vamos lá fazer a entrevista?

Minhas pernas ficaram bambas... Olhei para o meu pai, ele sorriu e me disse:

- Vamos lá, filho.

Do lado de Carol estava seu pai:

- Ainda bem que você já chegou, papai este é o João.

- Olá, garoto, meu nome é Lauro Almeida, você está preparado para dar uma entrevista ao jornal "Folha da cidade"?

- HUM, HUM...

- João, ontem publiquei no jornal a sua idéia da campanha. Hoje quero que você fale à "Folha da cidade" o que você espera dessa iniciativa?

- Eu... Espero que todas as crianças da escola saibam que existem muitas pessoas no mundo que são deficientes e tem o direito de serem incluídas.

- Incluídas como?

- Somos todos diferentes uns dos outros e devemos respeitar isso. Incluir é receber e não deixar de lado ninguém, mesmo quem não consegue ver, ou ouvir, ou tem que andar em cadeiras de rodas.

- Você fala no direito de todos a brincar, por que você defende isso?

- Porque brincando somos todos iguais. Um deficiente visual não consegue brincar de pique-esconde, mas ele brinca de roda, ele dança, conta piada. A deficiência dele deve ser respeitada pelos amigos, família e sociedade.

- Você é primeiro lugar na olimpíada de matemática e física. Você acha que sua inteligência ajudou na campanha?

- O que mais me ajudou não foi minha inteligência, mas a minha vontade de incluir quem quisesse participar da campanha. Assim as diferenças se uniram e conseguimos fazer um trabalho bem maior e mais legal.

- Muita gente quis participar?

Olhei para Carol e para o meu pai, respirei fundo e disse:

- Senhor Lauro Almeida, a campanha não é só minha, é de todos que gostaram da idéia, é de todos os deficientes que se empenharam para ajudar e cada um foi importante.

- Senhor, Almeida, sou o pai de João e quero falar, posso?

- Claro!

- João é um menino carinhoso e por muito tempo um menino excluído como muitos garotos e garotas com super dotação, como sua filha é outro exemplo. Juntos eles conseguiram compreender a inclusão vivendo. São mais de 50 crianças e adultos que de uma forma ou de outra querem ser mais felizes e escolheram fazer isso lutando juntos por uma causa que na minha opinião é nobre.

- Por que o senhor acha isso?

- Porque é justamente a falta de informação que impossibilita as pessoas com deficiência terem o espaço que merecem. Elas sofrem preconceito por não serem compreendidas e assim são excluídas. Cadeirantes não têm rampas para subirem calçadas, produtos não estão em braile e meu filho, acredita no que ele vive: brincando ele se sentiu incluído e a sua campanha é mais que um começo, é uma grande iniciativa que partiu dele, mas tem o sucesso e a beleza que tem por que muitos estão envolvidos. Eles trabalharam brincando e brincaram trabalhando e eu também aprendi com isso.

- Obrigado pela sua participação e quero saber, João, se você tem mais alguma coisa para dizer?

- Não... Sim, tenho , tenho! Anote aí: Não importa se você tem ou não alguma deficiência, não tenha vergonha da sua diferença e lute pelo seu direito de brincar e de ser incluído.

A Carol ficou empolgada, abraçou seu pai, depois me abraçou cheia de alegria. Juntos fomos até o pátio da escola, pois já chegavam os primeiros alunos e fiquei com meu coração acelerado. De repente a voz da diretora saiu na caixa de som do pátio anunciando o início da campanha... Convidando todos a caminhar pelos corredores, salas para ler os cartazes, faixas, além de anunciar que a partir das 10:00 estavam a quadra e os brinquedos liberados.

Foi uma grande emoção!!! Chegavam mais alunos, visitantes. Ao lado dos cartazes estavam Clara e seus amigos deficientes visuais conversando com outros alunos sobre sua deficiência. O grupo de surdos também mostrava quem eles eram e o que eles podiam fazer. A mãe de Bruno estava com a Bianca e outros amigos dela e seus pais, andando pela escola e conversando com professores e alunos.

O professor 2+2 feijão com arroz trouxe seus amigos ficando a disposição dos alunos esclarecendo como eles se viram para se adaptar com as suas deficiências físicas. AH! Pedro, nosso amigo cadeirante, também ficou com o meu professor dando explicação. As meninas organizaram folhetos divulgando as idéias da campanha e os endereços na Internet.

Quando sou chamado pela Carol de forma assustada:

- João, João, João, deu certo, deu certo, deu certo!!!

- Deu Carol a escola está linda, ta todo mundo envolvido...

- É tá, ta lindo, mas não é disso que estou falando, venha comigo!!!

Vou caminhando com ela até a porta da escola e vi a diretora conversando com alguns jornalistas... Olho para fora e não acredito no que vejo:

- João, sua idéia é uma causa social e está aí! A sociedade veio participar. Disse Carol com um sorriso gigante no rosto.

Era uma multidão com seus cartazes. Eu nunca conseguiria contar, mesmo sabendo muito de matemática. Eram crianças, adolescentes, adultos. O pai de Carol ajudou a diretora a conversar com os jornalistas e meu pai logo me chama:

- Vamos meu filho, esta na hora da campanha sair da escola e ir para as ruas.

- Pai, o que vou fazer?

E foi Bruno que chegou na hora e respondeu:

- João, estamos com você desde o começo e vamos todos juntos.

Carol completou:

- Vamos ao microfone convidar todos para sair da escola e se juntar às pessoas que também querem participar e que estão do lado de fora. Que tal andar pelas ruas?

- Estou com você Carol! Disse Bruno

E antes mesmo que eu dissesse algo ela me carregou até a sala de som e me colocou na frente do microfone

- VAI JOÃO, CHAME TODOS!

Eu não sabia o que ia dizer mais encostei minha boca no microfone e disse:

- Galera, galera! Tem outras pessoas fora da escola querendo participar... Essa campanha é de inclusão e ninguém pode ficar de fora. Peguem os cartazes e as faixas. Professores nos ajudem a organizar por turmas e vamos todos juntos falar para sociedade "Eu também posso brincar!"

Saí da sala de som e os professores começaram a organizar seus alunos. Fomos todos até a porta da escola. Carol correu na frente, falou no ouvido da diretora e com o microfone na mão D Zélia conversou com a multidão:

- Em nome do nosso aluno João, de todos que organizaram a campanha e da escola agradecemos a presença de todos, mas a escola não tem espaço para tanta gente.

E uma adolescente falou:

- Queremos entrar e participar!

Ela sorriu e continuou:

- Essa campanha é de inclusão e como mesmo disse João ninguém pode ficar de fora! A escola se juntará a vocês. Por isso convido a todos para caminharmos juntos pelas ruas levantando nossos cartazes PASSANDO NOSSAS IDÉIAS.

E todos festejaram e a diretora concluiu:

- Vamos lá, porque:

Eu também posso brincar!

Meu coração ficou acelerado! Todos juntos pelas ruas! Tinha cartaz falando do direito à escola para deficientes, outros falando do direito à saúde, tinha um que dizia:

"Sou deficiente e posso brincar!"; outro dizia "Sou negro e também posso brincar!"; e um cheio de flores e corações que dizia "Á vida é bela!" .

Todos do bairro abriram suas janelas e portas para ver que barulho era aquele. Ao chegar na avenida principal uma grande surpresa: Bruno e os meninos estavam tocando prato, tambor e latas ao lado de uma pequena banda de cadeirantes que Pedro havia convidado. A avenida parou para nos ver passar. Carol e as meninas continuavam distribuindo os folhetos da campanha e eu não pensava em mais nada a não ser sorrir e explicar para as pessoas nas ruas que éramos todos diferentes e merecíamos respeito e igualdade.

No dia seguinte, Carol estava cedo na minha casa para me mostrar o jornal. Tinha foto minha e de todo o pessoal na rua. A manchete dizia:

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA GANHAM CAMPANHA ORGANIZADA POR CRIANÇAS DA CIDADE.

Lá também estava a minha entrevista, a do meu pai e as opiniões da galera que se juntaram a nós nas ruas.

- Carol, seu pai disse que tinham mais de 2.000 pessoas, é verdade?

- João, foi um sucesso!!! Tem um monte de gente querendo informação, além de outros jornais que ligaram para mim. Ah! E na Internet a comunidade não para de ter pessoas novas. Já tem mais de 500 pessoas.

- Nossa! Não imaginei que tudo fosse tão longe.

Eu e Carol ficamos conversando o dia inteiro. Nós fomos dispensados da escola naquele dia para descansar. A volta para as aulas foi um sucesso, continuamos dando entrevistas, conhecendo mais pessoas e descobrindo mais coisas novas sobre pessoas com deficiência, e principalmente, brincando muito mais. Bruno diz que eu estou apaixonado por Carol... Acho ela cada vez mais linda e inteligente. Nos falamos todos os dias, quem sabe um dia eu entenda sobre o que Bruno está falando e eu peça Carol em namoro, até por que ela está sempre do meu lado me incentivando a acreditar nas minhas idéias e nos meus sonhos.

- E você, acredita nas suas idéias e sonhos?

- Você, faria uma campanha para defender o quê?

- Eu, Bruno, Carol e todos os meus amigos estamos torcendo por você. Ah! Lembre-se de respeitar as diferenças de cada um, e principalmente, das pessoas com deficiência e faça seu cartaz também dizendo:

Eu também posso brincar!

Flor Atirupa mora em Natal e é Tecnóloga em Lazer e Qualidade de vida- CEFET-RN. Desde menina desenha, pinta, escreve e cria seus próprios brinquedos e brincadeiras. Hoje adulta trabalha desenhando, pintando, escrevendo e criando cada vez mais brincadeiras como escritora e artista plástica. Eu também posso brincar! É o seu primeiro livro publicado pelo CEFET-RN e como em seus outros livros, ela fala de inclusão, de emoção, de imaginação objetivando semear a alegria, o amor e a paz

O Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte iniciou, em 1985, suas atividades editoriais com a publicação da Revista da ETFRN, que, a partir de 1999, se transformou na Revista Holos, em formato impresso e, posteriormente, eletrônico. Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa que fundou, em 2005, a Editora do CEFET-RN. Buscando consolidar uma política editorial cuja qualidade é prioridade, a Editora do CEFET-RN, na sua função de difusora do conhecimento produzido pelos pesquisadores, já contabiliza várias publicações nas diversas áreas temáticas.

"João cabeção" é um menino com super dotação. Ele é muito inteligente, tem várias habilidades e se destaca entre os outros alunos da escola, e como tantos outros meninos diferentes, ele é excluído e apelidado. João aprendeu que todos as pessoas são diferentes e que isso deve ser respeitado, aprendeu sobre pessoas com deficiência e decidiu criar uma campanha na escola para informar sobre inclusão. Mas sua idéia da campanha foi surpreendida com a amizade de Bruno, Carol , Clara e outros que juntos entenderam brincando sobre respeito, igualdade, amizade e a campanha passa ter o nome de "Eu também posso brincar!" revelando muitas aventuras e surpresas. Viva você também essa aventura ao lado de João cabeção e seus amigos e deixe que eles motivem você a brincar incluindo todos, independente de sua diferença

CEFET-RN Editora

ifuncem

ISBN: 978-85-89571-16-6